

Lembranças da “espanhola”: a gripe de 1918 nas memórias dos contemporâneos

Liane Maria Bertucci
Universidade Federal do Paraná
lianebertucci@gmail.com

Em 1918 o interesse efetivo dos brasileiros pela gripe ou influenza espanhola, que começava a grassar pela Europa e a se difundir pela África, aconteceu a partir da segunda quinzena de setembro, depois da divulgação pelos jornais de informações sobre o adoecimento e várias mortes de membros da Missão Médica Brasileira e de soldados do exército nacional, cujos navios haviam atracado em Freetown (Serra Leoa) e em Dacar (Senegal). Parte do esforço de guerra brasileiro, a Missão seguia para a França onde organizaria um hospital para atender as vítimas do conflito mundial. (BRUM, 2018)

Enquanto o governo organizava o envio de medicamentos e pessoal para socorrer os doentes no continente africano e os médicos no Brasil realizavam discussões sobre a doença (seria mesmo gripe?), o navio Demerara, vindo da Europa, fez escalas em algumas cidades do nordeste do país e depois ancorou no Rio de Janeiro, então capital federal. Desde a travessia do Atlântico várias pessoas a bordo estavam doentes, algumas com gripe. Nesta cidade foi realizada a desinfecção geral do navio e o exame dos passageiros. Os indivíduos que não apresentavam sintoma de alguma doença puderam desembarcar (BERTUCCI, 2004).

Mas nesse período, coincidindo com a confirmação que a influenza espanhola era a causa das mortes dos brasileiros na África, os gripados também começaram a ser contados de norte a sul do Brasil — primeiro nas cidades nas quais o Demerara havia ancorado (BERTUCCI, 2009; GOULART, 2003; SOUZA, 2005).

Em geral o número de doentes e mortos pela doença epidêmica diminuiu no país entre a segunda metade de novembro e o início de dezembro de 1918. No final da epidemia, dos cerca de 28.900.000 brasileiros¹, pelo menos 35.240 morreram de gripe espanhola (BERTOLLI FILHO, 2003, p. 74).

¹ Segundo o Censo nacional, em 1920 eram 30.635.605 brasileiros (IBGE, 2000, p.221).

Nos anos seguintes a “espanhola” foi lembrada a cada novo surto de gripe, em propagandas de remédios e outros produtos e como tema de artigos e notas de jornais que, a partir de informações sobre pessoas gripadas, anunciavam a possibilidade da reedição da epidemia de 1918.

Nas primeiras semanas de 1919 esse temor foi insuflado pela notícia da morte do presidente eleito Francisco de Paula Rodrigues Alves, dia 16 de janeiro, depois de um longo padecimento devido à gripe espanhola. Como lembrou o professor, jornalista, advogado e escritor Paulo Duarte, “o mês de janeiro de 1919 parecia uma continuação de 1918” (DUARTE, 1977, p. 295).

Mas o carnaval chegou e amenizou essa perspectiva sombria. No Rio de Janeiro e em São Paulo, as duas maiores cidades brasileiras, o reinado de Momo foi marcado por comemorações pelo fim da Grande Guerra e da influenza espanhola. Com um colorido e animação ímpares, segundo relatos dos contemporâneos, o carnaval na capital paulista foi de “uma intensidade que nunca se vira antes” (SEVCENKO, 1992, p. 25), repetindo a “animação incomum” que, segundo jornais cariocas, marcou o evento no Rio de Janeiro (BRITO, 1997, p.26).

Entretanto, quarta-feira de cinzas chegou e notícias sobre gripados em países europeus (Espanha, Inglaterra, Itália e Portugal) eram cada vez mais frequentes; em março muitos casos de gripe foram confirmados no Brasil (O ESTADO DE S. PAULO, 14 mar 1919, p.5; 28 mar 1919, p.4; A PLATÉA, 21 mar 1919, p. 1, entre outros).

Era uma nova onda epidêmica mundial de gripe², o que provocou a mobilização imediata de autoridades médico-governamentais do país. Na cidade de São Paulo, em meio às cobranças de providências pela imprensa, foi organizado um hospital provisório na Hospedaria dos Imigrantes, que começou a receber gripados no dia 22 de março (A CAPITAL, 24 mar 1919, p.1).

Segundo Bertucci (2004, p.354), “a crença de que a gripe espanhola era uma doença insidiosa e poderia irromper de maneira devastadora de um momento para outro

² Considerando a maior parte do planeta, a primeira onda mundial epidêmica de gripe espanhola aconteceu entre março e julho de 1918 e foi sem gravidade. O segundo e virulento período da epidemia aconteceu entre setembro 1918 e início de 1919. A terceira vaga mundial da epidemia, menos letal que a anterior, iniciou-se em finais de fevereiro e durou até maio de 1919.

era corrente pels ruas de São Paulo”. Mas, para alívio geral, poucos doentes precisaram ser internados e o nosocômio foi desativado em poucos dias.

Todavia, esse medo generalizado fez com que fabricantes de remédios, produtos de limpeza e afins lucrassem bastante com essa edição da doença. Em São Paulo, pessoas que vivenciaram a epidemia de 1918 certamente eram alvos fáceis de propagandas que, de alguma forma, indicavam meios de prevenir, tratar ou acabar com a gripe. Assim, os anúncios de produtos para combater a influenza espanhola voltaram a disputar a preferência dos paulistanos: das Pílulas Sudoríficas de Luiz Carlos à fórmula homeopática Grippina. As propagandas dos jornais também ofereceram desinfetantes, para acabar com o “germe” da gripe, e um instrumento médico que parecia ser cada vez mais popular: o termômetro. Um dos anúncios afirmava:

A gripe

Todas as famílias devem prevenir-se com um bom termômetro nas ocasiões de epidemia; para isso, dirijam-se à casa “Ao Boticão”, onde encontrarão um grande e variado sortimento.

Rua 15 de novembro, nº 7

Januário Loureiro & Comp. (O ESTADO DE S. PAULO, 25 mar 1919, p.5).

No segundo semestre de 1919 ainda pontuavam informações e propagandas relacionadas à gripe e seu combate. Uma nota publicada na primeira página do *O Combate* em agosto informou seus leitores sobre a descoberta, feita em Berna (Suíça), da “vacina contra a gripe”, que poderia ser ministrada “[...] para prevenir tanto quanto, em doses maiores, para combater complicações [da doença]” (O COMBATE, 13 ago 1919, p.1). Paralelamente, anúncio da vacina suíça publicado no *O Estado de S. Paulo*, começava com as seguintes palavras: “Comunicamos à classe médica que acabamos de receber o preparado PETHIC (sic), vacina contra a gripe de grande eficácia curativa e preventiva [...]” (O ESTADO DE S. PAULO, 17 ago 1919, p.9).

A propaganda, patrocinada pela Empresa D’Aragona, Muniz & Cia, procurava sensibilizar os doutores, mas também poderia ser uma tática para validar a vacina perante toda a população – afinal, se os vendedores estavam oferecendo o produto para os médicos, então deveria ser eficiente. Um leigo assim informado poderia recorrer a

um farmacêutico para tentar obter a vacina ou até mencionar o produto em uma consulta médica.

Mas, o crescente número de anúncios de fortificantes ou tônicos para convalescentes (como as Gotas Tônicas Vallor e o Vanadiol) indicavam que muitos dos indivíduos que contraíram gripe em 1919 estavam recuperados ou em fase de recuperação. Segundo o *Anuario estatístico de São Paulo* editado em 1923, na capital paulista foram 354 óbitos causados pela gripe durante todo o ano de 1919 (SÃO PAULO, 1923). Comparado com os mortos pela “espanhola” de 1918, este era um total pequeno, pois em cerca de dois meses, de meados de outubro a metade de dezembro, a gripe espanhola matou, conforme dados oficiais, 5.331 moradores de São Paulo. (MEYER; TEIXEIRA, 1920, p.53)

Nos anos 1920, especialmente a partir de fevereiro, quando as chuvas pareciam anunciar o outono em São Paulo, espirros e tosses eram cada vez mais comuns entre os moradores da cidade e a ameaça de uma nova “espanhola” começava a ser alardeada pelos jornais. Assim, em 1922 o jornal *A Capital* alertou: “A gripe espanhola. O terrível mal dia a dia se aproxima...” (A CAPITAL, 9 fev 1922, p.1) e no ano seguinte, *O Combate* questionou: “A gripe. Estaremos ameaçados de uma nova invasão...?” (O COMBATE, 26 fev 1923, p.4).

Mas os meses e anos passaram e a catástrofe causada pela gripe espanhola não se repetiu em São Paulo ou em outras localidades do país (e do mundo), apesar dos surtos periódicos de gripe. Os brasileiros sofreram com a crise econômica de 1929, com a guerra de 1939-1945 (principalmente com a escassez e carestia de gêneros alimentícios) e a influenza espanhola parece que se tornou, como em outras partes do mundo, uma parte das lembranças dos mais velhos que foi pouco compartilhada com os jovens (CROSBY JR, 1976). Entretanto, alguns ecos das lembranças dos que viveram os dias da epidemia de 1918 podem ser captados.

Nas memórias que escreveu em 1978, o médico Benedicto Montenegro, que foi professor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e membro da Missão Médica Brasileira de 1918, fez um relato sobre a organização, contratemplos e ações desta Missão e relembrou a escala feita pelo grupo em Dacar, no Senegal, onde,

segundo suas palavras, “grassava a famigerada gripe espanhola”. (MONTENEGRO, 1978, p. 113).

Mas o médico pouco escreveu de próprio punho sobre a epidemia. Além da frase transcrita no parágrafo anterior, Montenegro apenas comentou os desdobramentos finais do pesadelo que abateu os membros da Missão Médica Brasileira. Lembrou que, como foi um dos poucos que não contraiu a gripe espanhola, colaborou para conseguir, no porto de Gibraltar, reabastecer de água e medicamentos o navio no qual se deslocavam, depois de deixar Dacar. Relembrou que, em seguida, os que estavam doentes foram desembarcados no porto de Orã (Argélia) antes de a Missão seguir, enfim, para a França (MONTENEGRO, 1978, p.116-117).

Sobre os dias que a epidemia grassou entre os membros da Missão e tripulantes do navio, depois deste zarpar de Dacar, Montenegro preferiu reproduzir trechos do relato de um colega gaúcho, o doutor Mário Kröeff. Por que Montenegro absteve-se de um relato pessoal sobre esse evento? Talvez as palavras de Kröeff coincidissem, em grande parte, com suas lembranças; ou fosse difícil para Montenegro descrever os acontecimentos e sentimentos daqueles dias.

O artigo de Mário Kröeff, editado em 1967 pelo *Jornal Brasileiro de Medicina*, detalhava a triste viagem pela costa africana: deixando Dacar, “[...] apenas se fizera o barco ao largo, surge a bordo um mal desconhecido, atacando em caráter epidêmico toda a Missão [...]. Eram todos doentes e o navio hospital, sem remédios.” (KRÖEFF, 1967 *apud* MONTENEGRO, 1978, p.114)³.

O caso do suicídio, narrado por Kröeff, de um tenente farmacêutico, seu colega de dormitório, que delirando de febre e com sede atirou-se da amurada do navio, fez parte do período nomeado por Kröeff como “as horas mais trágicas” de sua vida, período no qual também gripado, sofreu com febre, com sede, e sem remédio. (KRÖEFF, 1967 *apud* MONTENEGRO, 1978, p.114).

Nas poucas palavras de Montenegro e nas lembranças de Kröeff a tragédia da epidemia se evidencia, e a falta de remédio foi mencionada como parte das terríveis horas da gripe espanhola vividas pela Missão Médica Brasileira. Mas qual o remédio?

³ KRÖEFF, M. A Missão Médica Militar Especial em França. *Jornal Brasileiro de Medicina*, v.XIII, nº 5, p.471-476, nov. 1967.

A definição da doença epidêmica de 1918 como gripe, uma moléstia microbiana, endêmica e mundial, como repetiam os doutores da época, concorreu para ordenar as discussões e propostas de ações de combate à influenza espanhola (BERTUCCI, 2014). Mas, isto tornou evidente que não existia remédio específico contra a epidemia, pois era notório que os medicamentos contra a gripe (espanhola ou não) eram paliativos. Esses medicamentos poderiam apenas ajudar a aumentar a resistência do organismo ou a combater os sintomas da influenza ou gripe, doença que, em geral, tinha um ciclo individual de sete dias.⁴

Rememorando a gripe espanhola, o médico Pedro Nava, que na época ainda morava em Minas Gerais, afirmou que os remédios “faltavam, mas essa falta não teria agravado muito a situação, se olharmos numa crítica retrospectiva o que foi o tratamento da gripe naquela época”(NAVA, 1976, p. 208). Mas, segundo Nava: “Codeína, terpinina, benzoato de sódio. Pós de Dower. Poção alcoólica de Todd. Vá lá. Sempre servia”. (NAVA, 1976, p. 208).

Algumas dessas substâncias medicamentosas também pontuaram as lembranças de Paulo Duarte. No período da influenza espanhola, alunos do último ano da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foram convocados para colaborar no atendimento aos gripados (BERTUCCI, 2004) e Duarte, mesmo sendo um estudante em início do curso (depois abandonou a Faculdade), movido pelo desespero generalizado, chegou a aplicar injeções de óleo canforado e prescrever benzoato de sódio e acetato de amônia aos "espanholados"; além de recomendar codeína quando havia tosse. O jovem acadêmico apresentava, quando necessário, uma receita “[...] do dr. Petráglio, um amigo meu que me conhecia e tinha confiança na minha competência”. Duarte conclui as suas lembranças, recordando que, quando considerava grave o estado do gripado, “[...] convencia a família de recolher-se a um hospital” (DUARTE, 1976, p.426-427).

Mas, entre as substâncias mencionadas por Paulo Duarte não constava o quinino que, como lembrou Pedro Nava, “logo reinou” nas indicações contra a doença epidêmica. Rememorando os efeitos desastrosos da ingestão imoderada da substância, o médico mineiro comentou: “Além dos sofrimentos da doença – vinham os da panaceia:

⁴ Os médicos alertavam sobre a necessidade de maior cuidado com os gripados portadores de doenças crônicas, que debilitavam os organismos, e também para evitar que moléstias “oportunistas” vitimassem os “espanholados”.

zoeiras nos ouvidos, vertigens, surdez, urinas de sangue, vômitos” (NAVA, 1976, p.208).

O quinino foi uma das principais prescrições médicas, nacionais e internacionais, durante a gripe espanhola: como “preventivo”, pois combateria os efeitos de resfriamentos (como a febre), que poderiam facilitar a instalação da gripe epidêmica e, no caso dos “espanholados”, para ajudar a amenizar os sintomas da doença. A substância deveria ser ingerida durante as refeições e, pelo menos segundo recomendação do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, em doses diárias de 0,25 a 0,50 centigramas; prescrição repetidamente publicada nos jornais da capital paulista (BERTUCCI, 2004, p. 101-104). Mas, com o crescimento do número de gripados, e apesar das advertências de vários médicos, houve o aumento das ingestões de quinino pela população e os resultados foram desastrosos, como lembrou Pedro Nava.

Concomitantemente ao crescimento do consumo do quinino, as propagandas de diferentes produtos alardearam conter a substância na fórmula e, por vezes, isso era feito a partir do próprio nome. O Quinino Ballor foi um desses produtos. Era vendido em litros e anunciado como “o mais recomendável” para evitar a gripe espanhola. (A GAZETA, 22 out 1918, p. 3). Como escreveu Nava (1976, p. 203) “[...] fórmulas industriais bestas, fizeram verdadeiras fortunas [em 1918]”.

Mas, se com uma substância que recebia chancela médico-científica acontecia esse uso e abuso, com os chamados “remédios caseiros” não foi diferente. Entre esses produtos, o limão foi destaque. Das opiniões discordantes sobre o seu valor terapêutico à inflação do preço do limão, as considerações de médicos, governantes e populares sobre a fruta aconteceram durante todo o período epidêmico.

Parte das práticas populares de cura, recomendado por parentes, vizinhos e amigos, o consumo do suco de limão, sorvido puro, com sal ou em gotas misturadas na água, foi indiretamente ratificado em São Paulo pelo Serviço Sanitário, que “recomendava ácido cítrico para gargarejos dos gripados” (BERTUCCI, 2004, p.220).

Em entrevistas realizadas pela psicóloga Ecléa Bosi nos anos 1970, o limão foi lembrado como importante substância terapêutica durante a epidemia de 1918. Segundo palavras do senhor Amadeu, que nasceu em São Paulo, no bairro do Brás, em 1906, a “espanhola” foi uma “[...] gripe tão agressiva que já não davam conta de fazer

remédios. Só limão”. E o senhor Ariosto, nascido em uma travessa da Avenida Paulista (em uma das “ruas semi-calçadas, cobertas de árvores, de mata”), que tinha 18 anos durante o surto epidêmico, relatou: “As pessoas caíam que nem moscas. [A]conselharam a chupar limão. O limão de um tostão [ou cem réis] passou para quinhentos réis” (BOSI, 1979, p.81;112).

Assim, entre o científico e o popular, os remédios que podiam aliviar ou concorrer para evitar a gripe espanhola foram itens de destaque nas memórias de pessoas que, em território brasileiro ou além-mar, vivenciaram o período epidêmico; remédios que também foram temas de propagandas publicadas nos jornais durante os primeiros anos pós epidemia de 1918, quando a ameaça de uma nova “espanhola” mobilizou a atenção de muitos brasileiros.

FONTES

- A CAPITAL. A gripe espanhola. *A Capital*, São Paulo, 9 fev 1922, p.1.
- A CAPITAL. A gripe. *A Capital*. São Paulo, 24 mar 1919, p.1.
- A GAZETA. Influenza Hespnhola. *A Gazeta*, São Paulo, 22 out 1918, p. 3.
- A PLATÉA. A gripe espanhola. *A Platéia*, São Paulo, 21 mar de 1919, p.1.
- DUARTE, P. *Apagada e vil mediocridade. Memórias: 5*. São Paulo: Hucitec, 1977.
- DUARTE, P. *Os mortos de Seabrook, Memórias: 4*. São Paulo, Hucitec, 1976.
- MEYER, C. L.; TEIXEIRA, J. R. *A gripe epidêmica no Brazil e especialmente em São Paulo*. São Paulo: Casa Duprat, 1920.
- MONTENEGRO, B. *Os meus noventa anos*. São Paulo, 1978. Texto datilografado.
- NAVA, P. *Chão de Ferro. Memórias: 3*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- O COMBATE. A gripe. *O Combate*. São Paulo, 26 fev 1923, p. 4.
- O COMBATE. A nota científica. *O Combate*, São Paulo, 13 ago 1919, p.1.
- O ESTADO DE S. PAULO. A gripe. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 mar 1919, p.5.

- O ESTADO DE S. PAULO. Alguns casos de gripe... Curitiba. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 mar 1919, p.2.
- O ESTADO DE S. PAULO. Epidemia da gripe [Propaganda]. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 ago 1919, p.9.
- O ESTADO DE S. PAULO. Noticias do interior. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 mar 1919, p.5.
- SÃO PAULO, *Anuario estatístico de São Paulo – 1919*. Volume 1. São Paulo: Typ. do Diario Official, 1923.

BIBLIOGRAFIA

- BERTOLLI FILHO, C. *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BERTUCCI, L. M. A onipresença do medo na influenza de 1918. *Varia História*, Belo Horizonte, v.25, n.42, p.457-475, 2009.
- BERTUCCI, L. M. *Influenza, a medicina enferma*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BERTUCCI, L. M. Spanish Flu in Brazil: searching for causes during the epidemic horror. In: PORRAS-GALLO, M.I. DAVIS, R. A. (eds.). *The Spanish Flu Influenza Pandemic of 1918-1919*. Rochester: University of Rochester Press, 2014, p. 39-55.
- BOSI, E. Lembranças. In: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queroz, 1979, p. 51-327.
- BRITO, Nara de Azevedo. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. IV, nº1, p.11-30, mar-jun 1997.
- BRUM, C. E. de. *A (des)mobilização de médicos na Grande Guerra: O caso da Missão Médica Brasileira na França (1918-1919)*. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.
- CROSBY JR., A. W. *Epidemic and Peace 1918*. Westport: Greenwood, 1976.
- GOULART, A. da C. Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003.
- IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000. Disponível em: <http://brasil500.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 maio 2019.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SOUZA, C. M. C. de. A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços. *História, ciências, saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.12, nº 1, p.71-99, jan-abr. 2005.